

# Estratégia e tática: o trotskismo norte-americano e a revolução europeia<sup>1</sup>

Daniel Gaido e Velia Luparello

Historiador e professor da Universidad Nacional de Córdoba (Argentina);  
estudante de História na Universidad Nacional de Córdoba (Argentina)

---

<sup>1</sup> Tradução realizada por Sydnei Melo. Artigo originalmente publicado na revista *En defensa del marxismo*, a. XXII, n. 42, p. 99-128, set. de 2010.

**Estratégia e tática: o trotskismo norte-americano e a revolução europeia**

**Resumo:** O seguinte artigo analisa os debates do trotskismo norte-americano nos anos que se seguiram após a invasão da Itália pelos Aliados na Segunda Guerra Mundial. A posição da minoria, questionando as análises dos dirigentes, procurava estabelecer uma reflexão sobre como Estados Unidos e União Soviética estavam se preparando para a derrocada do fascismo e, por fim, sobre qual o papel dos trotskistas na luta em prol da revolução mundial.

**Palavras-chave:** 1. Trotskismo; 2. Itália fascista; 3. Estados Unidos.

**Strategy and tactics: the American Trotskyism and the European revolution**

**Abstract:** The following paper analyzes the debates of north-american Trotskyism in the years after Allies in World War II occupied Italy. The position held by the minority, questioning the analyzes made by the leadership, intended to establish a consideration about how United States and Soviet Union were preparing themselves for the final blow on Fascism and, in the end, about what would be the role of Trotskyists in the struggle for the world revolution.

**Keywords:** 1. Trotskyism; 2. Fascist Italy; 3. United States of America.

O início da Segunda Guerra Mundial encontrou o trotskismo norte-americano dividido entre duas organizações: o *Socialist Workers Party* (SWP)), dirigido por James Cannon, e o *Workers Party* (WP), conduzido por Max Shachtman. A queda de Mussolini, em 24 de julho de 1943, levou à aparição de uma terceira corrente: uma minoria dentro do SWP, dirigida por Felix Morrow, Jean van Heijenoort e Albert Goldman. Contra a linha dos líderes do SWP, segundo a qual o imperialismo norte-americano operaria na Europa através de governos ao estilo franquista, esta minoria defendia que ele se apoiaria em regimes democráticos para frear o avanço da revolução e os sustentaria com ajuda econômica, e que nesta tarefa seriam ajudados os partidos Socialista e Comunista, que reviveriam a política de frente popular. A tarefa dos trotskistas europeus era, então, tomar o controle das massas destes partidos, mediante reivindicações democráticas e transicionais (a república democrática, a Assembleia Constituinte, etc.), que ajudariam os trabalhadores a descobrir a agenda antissocialista de suas organizações de massas através de sua própria experiência. O vergonhoso fim da tendência de Morrow, Goldman e Heijenoort encerrou qualquer possibilidade de uma análise séria das terríveis consequências da política seguida pela direção do SWP.

### A revolução italiana e a aparição de uma fração minoritária no SWP

Em 5 de março de 1943, na Itália governada pelo fascismo, os trabalhadores da fábrica Rasseti, em Turim, entraram em greve; dois dias depois, os bloqueios da produção haviam se estendido a nove fábricas; ao fim do mês, muitos locais de trabalho nas cidades do norte italiano haviam visto alguma forma de greve, com uns cem mil trabalhadores envolvidos. Em 10 de julho, os aliados

desembarcaram na Sicília e, nove dias depois, Roma era bombardeada pela primeira vez. O rei Vittorio Emmanuelle III decidiu que sua sobrevivência dependia de um golpe palaciano que lhe permitisse desfazer-se de Mussolini. O Grande Conselho Fascista, órgão supremo do Partido Fascista, se reuniu em Roma em 24 de julho e adotou uma visão crítica do *Duce*. No dia seguinte quando Mussolini foi se reunir com o rei, lhe pediram sua renúncia e o prenderam imediatamente (Mussolini seria resgatado em 12 de setembro pelo oficial da SS, Otto Skorzeny, e posto na chefia do Estado títere da República de Salò até sua execução pelos *partisans* em 28 de abril de 1945). Os quarenta e cinco dias seguintes, sob o governo do marechal Pietro Badoglio (25 de julho a 3 de setembro de 1943), foram marcados por enormes manifestações populares que celebravam o fim do fascismo, reprimidas brutalmente pelo governo. Este incômodo interlúdio terminou em 3 de setembro, com a assinatura do armistício entre a Itália e os aliados, tornado público cinco dias depois. O rei fugiu rumo ao sul, enquanto o exército se dissolvia; mais de meio milhão de soldados italianos foram feitos prisioneiros e deportados para a Alemanha. O armistício de setembro de 1943 também marcou o início da resistência italiana, um movimento *partisan* contra a ocupação nazi que chegou a ter mais de cem mil membros até abril de 1945, dos quais cerca de trinta e cinco mil foram assassinados (GINSBORG, 1990, p. 10-12, 70).

Ainda que os sofridos italianos não soubessem, seus esforços sacudiram o trotskismo norte-americano, já dividido em duas organizações desde a assinatura do pacto Molotov-Ribbentrop de 23 de agosto de 1939: o *Socialist Workers Party*, dirigido por James P. Cannon, que sustentava a caracterização de Trotsky sobre a União Soviética como um “Estado operário degenerado” e chamava à sua defesa incondicional em caso de um ataque militar, e o *Workers Party*, dirigido por Max Shachtman, que afirmava que a Rússia não era de nenhuma maneira um Estado operário, senão um Estado burocrático

coletivista.<sup>2</sup> O SWP havia tido “ao redor de 800 a 1000 membros” e se dividiu “exatamente pela metade”, de maneira que o novo SWP começou com uma militância provavelmente menor que 500 membros, um número que cresceria a aproximadamente 1.500 até o final da guerra (ALEXANDER, 1991, p. 805, 825). Os acontecimentos italianos dividiriam ainda mais o pequeno movimento trotskista norte-americano em três correntes: junto ao WP e ao SWP agora aparecia uma tendência minoritária dentro do SWP, liderada por Felix Morrow, Jean van Heijenoort e Albert Goldman, que se opuseram à análise de Cannon sobre os eventos europeus.<sup>3</sup>

Tão logo aconteceram os eventos de agosto de 1943, o porta-voz da minoria, Felix Morrow, dizia em um artigo sobre “A importância dos acontecimentos italianos”, publicado no órgão do partido, *The Militant*:

“Depor Mussolini significaria abrir o caminho ao retorno de uma forma de governo em que as massas seriam impulsionadas a pensar em seu próprio governo, quer dizer, a forma ‘democrática’ em que as maiorias parlamentares aparecem governando o país. Este é sempre o último recurso da classe capitalista na maré revolucionária: esconder-se por trás dos partidos ‘Socialista’ ou ‘Trabalhista’, que controlam o gabinete, porém, em última instância, os controla para os capitalistas cuja propriedade dos meios de produção os torna os governantes reais do país... O rei, os generais e os capitalistas [estavam] prontos para deixar cair o sistema totalitário de governo, uma vez que as massas se alçaram ao calor revolucionário, e esconderem-se por trás da frente ‘democrática’” (MORROW, 1943a).

<sup>2</sup> Ver Trotsky (1973); Cannon (1972) e os documentos reunidos por Haberkern e Lipow (2008). O movimento trotskista se agrupou ao redor da Quarta Internacional, originada em 1923 como uma tendência política conhecida como Oposição de Esquerda dentro da Internacional Comunista, recebeu a adesão da principal figura do comunismo chinês, Chen Duziu. Permaneceu na Internacional Comunista (Comintern) por uma década, até a ascensão de Hitler ao poder em 1933, ajudado pela política sectária do “terceiro período” que denunciava a socialdemocracia como “social-fascismo”, e rechaçava a política leninista de frente única. Estes fatos persuadiram Trotsky de que o Comintern não podia ser liberado do controle absoluto de Stalin. Para uma história da Oposição de Esquerda, ver Broué (1997, p. 570-594). Os documentos fundacionais da Quarta Internacional foram reunidos em Reissner, 1973.

<sup>3</sup> “Rompemos definitivamente em julho de 1943. A disputa começou com o valor que outorgávamos à queda de Mussolini... Nos meses entre julho e outubro de 1943 a experiência italiana se desenvolveu e reproduziu o futuro de toda Europa ocidental: o desenvolvimento da democracia burguesa, o renascer do domínio dos partidos operários reformistas tradicionais, o papel central de questões como a democracia e a assembleia constituinte, as ilusões com o imperialismo norte-americano” (MORROW, 1946c, p. 32).

Um mês depois, Morrow assinalava que os operários italianos haviam “conseguido do governo de Badoglio um acordo para eleger comitês de fábrica por voto secreto”, e que o Governo Militar Aliado para os Territórios Ocupados (AMGOT, por suas siglas em inglês) o seguiu ao conceder um “movimento operário livre” no sul (*id.*, 1943b). A aparição de comitês de fábrica e a aceitação, por parte do AMGOT, das eleições de delegados operários, revelava o papel central da classe operária na crise política italiana. Não menos importante: punha um conteúdo democrático real no que até o momento havia sido uma mera preservação do Estado fascista sob um novo nome. Esses primeiros passos dariam lugar, ao menos temporalmente, à consolidação das liberdades democráticas e às instituições parlamentares no marco do capitalismo, ou rapidamente se seguiriam os conselhos operários e a revolução socialista? A disputa entre a direção e a minoria do SWP tocava, originalmente, esta questão.

Os líderes da minoria do SWP não eram recém-chegados ao movimento trotskista; pelo contrário, eram seus maiores intelectuais: Felix Morrow (1974; 1978) escreveu a análise trotskista por excelência da Guerra Civil Espanhola; Jean van Heijenoort (que escrevia sob os pseudônimos de Marc Loris e Daniel Logan) podia ler várias línguas da Europa ocidental, assim como o russo, e havia sido secretário e guarda-costas de Trotsky (VAN HEIJENOORT, 1978); e Albert Goldman (usava o pseudônimo de M. Morrison) produziu uma das mais emotivas defesas do socialismo, algumas vezes feitas diante de uma corte estadunidense, durante os julgamentos de sedição contra o SWP em Minneapolis, durante o ano de 1941 (GOLDMAN, 1942). Eram também militantes comprometidos; Morrow e Goldman estiveram presos (junto com Cannon e outros quinze militantes) sob a *Smith Act*, por sua oposição às políticas imperialistas do governo norte-americano durante a Segunda Guerra. De fato, o debate entre a minoria e a maioria do SWP, que começou durante o plenário do comitê central do SWP, em outubro de 1943, esteve marcado pelo “caso Minneapolis” e o encarceramento dos dezoito acusados, que cumpriram penas de dezesseis meses desde 31 de dezembro de 1943; os últimos doze foram liberados por bom comportamento em 24 de janeiro de 1945 (CANNON, 1977, p. 423). A circulação dos documentos da minoria no pleno de outubro de 1943 e o

artigo de Morrow de dezembro de 1943, “A primeira fase da revolução europeia que se aproxima”, esteve limitada aos membros do comitê nacional unicamente, já que Cannon impôs que os documentos não fossem publicados frente ao restante dos membros do partido até que seus dirigentes voltassem do cárcere.<sup>4</sup>

### As emendas de Morrows e Morrison e as resoluções do plenário de outubro de 1943

Um mês depois de a Corte de Apelações dos Estados Unidos manter as condenações que os líderes do partido haviam recebido no julgamento de Minneapolis pela *Smith Act* de 1941, o comitê nacional do SWP realizou uma plenária de quatro dias em Nova York, de 29 de outubro a 1º de novembro de 1943.<sup>5</sup> Foi neste plenário de outubro de 1943 que as diferenças táticas entre a minoria de Morrow, Gooldman e Heijenoort, e a maioria liderada por Cannon, vieram à tona. Os principais porta-vozes da posição da maioria seriam E. R. Frank (pseudônimo de Bert Cochran), William Warde (George Novack) e William Simmons (Arne Swabeck), com um pouco de ajuda de Michel Pablo (Michalis N. Raptis), da França (ver PABLO, 1946). O informante da maioria sobre a questão russa foi Joseph Vanzler (melhor conhecido por seu pseudônimo, John G. Wright), que conscientemente reduziu a importância do papel contrarrevolucionário jogado pelo Exército Vermelho no Leste Europeu (ver JACOBS, 1944, p. 8-13).

Em seu “Informe ao plenário”, Felix Morrow assinalava que a importância da resolução que se votaria ia mais além das fronteiras da América do Norte e

---

<sup>4</sup> “Os membros da maioria do SWP não somente proibiram a publicação dos documentos da minoria na *Cuarta Internacional* após o plenário [de outubro de 1943], como proibiram sua distribuição dentro das fileiras do próprio partido. O pretexto era que, dado que os líderes da maioria e os da minoria logo iriam à prisão, os documentos não deveriam ser publicados até que os mesmos voltassem. Os documentos estiveram finalmente disponíveis para os membros do SWP na noite prévia à sua Convenção de novembro de 1944. Tampouco isto ocorreu porque o partido se abriu às súplicas dos militantes da minoria, mas somente porque um dos documentos havia chegado ao *Workers Party* e este o havia publicado. Ainda assim, os documentos da minoria não foram enviados à Europa. Quando voltei da prisão, em fins de janeiro de 1945, percebi que as visões da minoria sobre as questões europeias eram ainda desconhecidas no continente” (MORROW, 1945, p. 49).

<sup>5</sup> Ver 5TH WARTIME PLENUN, 1943, p. 1-2.

que teria um impacto determinante no futuro da Quarta Internacional (a organização que reunia os partidos trotskistas de todo o mundo), especialmente na Europa, nesse momento o centro do movimento revolucionário mundial:

“O objetivo de escrever uma resolução internacional nestes tempos deveria estar em mente. Vivemos sob condições extraordinariamente favoráveis, em contraste com a situação de nossos camaradas europeus. Somos um partido legal, temos acesso à informação que é negada a nossos companheiros na clandestinidade, temos certo tempo para pensar sem as terríveis condições de hostilidade que perseguem a nossos camaradas europeus. Graças a nossa boa sorte, nos encontramos em uma posição de ser, em essência, os guardiães da Quarta Internacional. Permitamo-nos esperar que executemos esta “tutela” com toda a responsabilidade moral e política que lhe devemos. Se os partidos de nossos companheiros europeus estivessem funcionando, e em comunicação entre eles e conosco, nossa resolução internacional seria simplesmente uma das muitas contribuições a uma resolução sobre a Quarta Internacional. Desafortunadamente, não é o caso. Nossa resolução deve servir, na realidade, como a resolução determinante da Quarta Internacional” (MORROW, 1944a, p. 25).<sup>6</sup>

Das emendas à Resolução Internacional propostas por Morrow, a mais importante era a 23, que negava qualquer determinação dos processos políticos pela decadência da economia do imperialismo de forma imediata e direta:

“O fato de que as pré-condições econômicas para um extenso período de democracia burguesa na Europa tenham desaparecido não põe, contudo, um fim ao papel que a democracia pode jogar para deter o avanço da revolução proletária. Assim como o fascismo serviu para manter à margem as massas, a democracia burguesa tentará agora desorientar a luta revolucionária contra o fascismo. Quando nenhum outro escudo pode protegê-las, as forças do capital se refugiam por detrás da proteção da república democrática. Este fenômeno, com toda probabilidade, aparece em nossa época como tem ocorrido em períodos prévios” (*id.*, 1944b, p. 14).

---

<sup>6</sup> “O debate no SWP durante os dois últimos anos não tem sido, de nenhuma maneira, um debate particular do partido norte-americano. Foi desde o princípio um debate sobre questões que são muito mais importantes para a Europa, em primeira instância, que para os Estados Unidos” (MORROW, 1945f, p. 49).

A sessão seguinte das emendas de Morrow levava o ponto de referência aos recentes acontecimentos italianos: “Amanha, se necessário, o regime de Badoglio concederá eleições gerais, assim como aceitou os comitês de fábrica”. Eram, certamente, as massas que haviam lutado por esses direitos democráticos contra seus opressores. “Porém os opressores entendem a necessidade de aceitar esses direitos democráticos quando não há outra alternativa” (*ibid.*, p. 15). Morrow concluía: “os acontecimentos na Itália indicam que, após o colapso do fascismo, a burguesia está preparada para evoluir na direção de um governo democrático burguês”. Com segurança, o colapso do nazismo resultaria, igualmente, em “uma tentativa da burguesia alemã de salvaguardar seu poder por trás de formas democrático-burguesas” (*id.*, 1943d, p. 15). Esta estratégia da burguesia europeia, junto com o imperialismo norte-americano, seria ajudada em princípio pela inevitável revitalização das ilusões democráticas entre consideráveis porções das massas, dada a “intensificação dos sentimentos nacionais na Europa como resultado da luta contra a ocupação nazi”, a falta de experiência direta com a democracia burguesa da geração mais jovem e a disposição, tanto da socialdemocracia como do stalinismo – que a experiência italiana indica, emergiriam como “os principais partidos no primeiro período após o colapso do nazismo e seus colaboradores” – para desviar a energia revolucionária das massas em direção a uma política de colaboração de classes conhecida como a frente popular, em que os partidos operários renunciam à aplicação do programa socialista (*id.*, 1944b, p. 15).

Quanto à “intensificação dos sentimentos nacionais na Europa como resultado da luta contra a ocupação nazi”, deveria assinalar-se que o debate no plenário de outubro de 1943 havia sido precedido de um intercâmbio sobre a questão nacional, desencadeado por três teses trazidas por um grupo de exilados alemães, que pediam apoio para a “luta pela libertação nacional” que então tinha lugar sob a ocupação nazi, afirmando que “estas são reivindicações democráticas, que devem *sempre* e em *qualquer lugar*, ser apoiadas” (INTERNATIONALE KOMMUNISTEN DEUTSCHLANDS, 1942), respondida por Morrow (1942). Esta necessidade de “participação no atual movimento de resistência” também havia sido enfatizada por Van Heijenoort, cujos antecedentes europeus possivelmente o faziam mais sensível a esta problemática: “O lema da libertação nacional tem exercido até o presente e

continuará exercendo por algum tempo um papel importante em reagrupar as massas, superando a atomização e arrastando-as à luta política. Isso é mais que suficiente para que apareça em nossas bandeiras” (VAN HEIJENOORT, 1942, p. 337-338). Morrow mais tarde criticaria sua disposição a chegar a compromissos com a liderança de Cannon sobre a importância da questão nacional na Europa Ocidental, sustentando que reforçava “a tendência sectária do partido francês após 1943” (MORROW, 1946c, p. 31)<sup>7</sup>.

Morrow deduzia de sua análise a conclusão tática de que “somente os quadros” seriam “recrutados por nosso programa pelos Estados Unidos Socialistas da Europa”. Para ganhar as massas seria necessário aproximarmos a eles “tal qual os encontramos, com toda sua inexperiência e ilusões”. Os trotskistas deviam, então, “aparecer como os mais resolutos lutadores pelas reivindicações democráticas: liberdade de assembleia e eleições, liberdade de imprensa, os sindicatos e os partidos políticos, etc.” assim como de “demandas de transição, trabalho, segurança social, controle operário da produção, etc.” (*id.*, 1944b, p. 15-16). O objetivo das bandeiras democráticas e de transição era permitir aos trotskistas europeus dissipar as ilusões dos trabalhadores nos regimes democrático burgueses, os partidos reformistas e seus líderes *através da própria experiência das massas*.

Uma seção especial das emendas de Morrow foi dedicada ao “Papel dos Estados Unidos na Europa”. Enquanto o esboço da resolução afirmava que o

---

<sup>7</sup> “Sob a pressão dos ataques da maioria do comitê sobre algumas das formulações de Logan, cometi o erro de tentar reconciliar a posição de Logan com a da maioria. E me uni à maioria no ataque à posição da seção alemã na questão nacional, que sustentava, em geral em termos extremos, em essência uma posição idêntica à de Hicyn Cordier. O mais que podia haver dito contra ela era que se tratava de uma ênfase direitista dentro de uma posição fundamentalmente correta de integração ao movimento de resistência nacional. Porém, acusei os camaradas alemães de revisionistas. Minha confusão sobre a questão nacional se esclareceu muito lentamente. É muito difícil para um norte-americano entender a questão nacional. Assim, tenho que compartilhar minha parte de responsabilidade pelos resultados. A posição da seção alemã se converteu em anátema, nem publicada, nem analisada seriamente por nossa imprensa, senão convertida em pecado pela simples repetição de chicanas contra ela. Isto não haveria importado em demasia se o partido francês tivesse sido capaz de desenvolver um trabalho dentro de seu próprio movimento de resistência. Porém, logo veio a tragédia de outubro de 1943, quando Hic e quase todos os companheiros foram sequestrados pela Gestapo. Com Hic e outros morrendo em campos de concentração, o partido decapitado caiu nas mãos de companheiros sem experiência e estrangeiros que deram as costas ao movimento de resistência (MORROW, 1946b, p. 31).

imperialismo norte-americano recorreria a governos “de tipo franquista”<sup>8</sup> ou, como aparecia diretamente no *The Militant*, a “traidores”,<sup>9</sup> Morrow enfatizava que os *objetivos subjetivos* da classe dominante nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, em que a direção do SWP apoiava seus prognósticos, chocaria com outros fatores, como a resistência das classes dominantes do continente, que tinham seus próprios objetivos imperialistas:

“O tipo de resistência que o imperialismo norte-americano encontrará de outros imperialismos é assinalado pelo desastre de sua política para a França. Pretendeu impor Darlan-Giraud, o mais dócil agente que pôde encontrar, sobre o povo francês. Porém isto se demonstrou impossível inclusive antes da intervenção das massas francesas. Os gaullistas, representando o imperialismo francês, porém apoiados pelo nacionalismo e o stalinismo, foram capazes de frustrar os planos de Washington. Roosevelt devia conciliar, sobre uma base instável, com as forças gaullistas-stalinistas. O imperialismo francês, seguramente, resistirá à dominação de Washington inclusive com mais força quando a França for reconquistada” (*ibid.*, p. 16).

Não menos importante para determinar o desenlace seria a resistência dos operários europeus aos planos imperialistas e a pressão das massas norte-americanas e britânicas contra a imposição de ditaduras. A minoria, por tanto, via uma evolução na Europa rumo à democracia burguesa como resultado objetivo da luta de classes e do enfrentamento entre classes capitalistas: “logo Washington deverá, muito provavelmente, ‘aceitar’ regimes democráticos na Europa pelas mesmas razões que impulsionaram a burguesia italiana e alemã na mesma direção. A força militar por si só é insuficiente para alcançar as metas do imperialismo norte-americano; deverá recorrer também ao engano, quer dizer, à democracia burguesa” (*id.*, 1944b, p. 17). De acordo com o relato posterior de Morrow:

<sup>8</sup> “O imperialismo anglo-norte-americano... pretende impor uma nova forma de servidão sobre os povos da Europa. Propõem esmagar qualquer manifestação de independência revolucionária dos operários europeus e estabelecer ditaduras militar-monárquico-clericais sob a tutela e a hegemonia das grandes empresas anglo-norte-americanas... Os aliados não podem permitir a sanção da mais mínima democracia na Europa... A alternativa, desde o ponto de vista de Roosevelt-Churchill, são os governos de tipo franquista ou o fantasma da revolução socialista (SWP RESOLUTIONS COMMITTEE, 1943, p. 7).

<sup>9</sup> “Os aliados pretendem dominar a Europa através de traidores”, dizia o titular do *The Militant* em 23 de outubro de 1943 (ADAMSON, 1943).

“Houve muita indignação no plenário, especialmente do camarada Cannon, quando defini os gaullistas como uma tendência democrática burguesa. A maioria não podia entender um fenômeno tão simples como que uma parte da classe capitalista francesa, primeiro para resistir ao imperialismo alemão e em seguida para resistir à dominação norte-americana, se apoiara por um período nas massas, através dos partidos reformistas. Portanto, a maioria rejeitou as emendas [acima citadas] da minoria” (*id.*, 1945b, p. 21).

Finalmente, em contrapartida à ênfase do esboço da resolução nos efeitos revolucionários das vitórias do Exército Vermelho e na crescente divisão entre a União Soviética e seus aliados capitalistas, Morrow insistia em ver as duas faces das vitórias soviéticas, afirmando que não se tratava somente de consequências progressivas. Um acordo entre Stalin e o imperialismo anglo-americano não devia ser descartada porque “o Kremlin compartilha com o imperialismo o temor à revolução proletária na Europa, que incitaria as massas soviéticas a acabar com a burocracia reacionária”. Em seus intentos por fazer acordos com o imperialismo anglo-americano, “o Kremlin subordina ao movimento operário dominado pelo stalinismo a burguesia desses países. Em essência, é a continuação da política contrarrevolucionária da frente popular”. As consequências desta política seriam inclusive mais perigosas para a revolução que na década de 1930, dado que as vitórias do Exército Vermelho haviam dado à União Soviética um prestígio enorme entre as massas europeias:

“Até que as massas soviéticas não derroquem Stalin e sua camarilha, o prestígio da União Soviética será apropriado para a burocracia parasitária. A influência política e ideológica do stalinismo não cederá nestas condições. Os acontecimentos italianos têm nos mostrado a capacidade do stalinismo de perverter a luta dos operários, desmoralizar e trair a classe operária. Os stalinistas são a principal força organizada hoje na classe operária europeia. Devemos alertar aos operários contra o terrível perigo que o stalinismo acarreta para eles. O proletariado europeu não deve permitir nunca mais que o stalinismo esmague a revolução como o fez na Espanha” (*id.*, 1944b, p. 18-19).

As emendas de Morrow terminavam com um chamado à libertação, dos movimentos partisans da Grécia e Iugoslávia, “da subordinação às políticas nacional-conservadoras do Kremlin”, e “por repúblicas soviéticas independentes na Iugoslávia, Grécia e Polônia!” (*ibid.*, p. 20). Este chamado era

particularmente profético à luz dos acontecimentos posteriores na Grécia, onde o stalinismo estrangulou o movimento revolucionário e ante a entrega dos lutadores do Gueto de Varsóvia aos executores nazis em 1944 (para um relato contemporâneo aos fatos, ver ZAREMBA, 1997; para um estudo acadêmico recente, BORODZIEJ, 2006). As emendas de Goldman ao esboço da resolução basicamente apoiavam o documento de Morrow (GOLDMAN, 1944).

### Ultra-esquerdismo e reivindicações democráticas

Em seu artigo “A primeira fase da revolução europeia que virá: uma crítica à resolução internacional do plenário do XV aniversário [de outubro de 1943]” (Morrow, 1944c),<sup>10</sup> Morrow resumia “as diferenças fundamentais entre as emendas de Morrow e Morrison e o esboço da resolução” em duas proposições:

“1) O esboço se equivoca ao excluir a possibilidade do uso dos métodos democrático-burgueses pela burguesia europeia e seu amo, o imperialismo norte-americano; tentarão, com toda probabilidade, deter a revolução europeia não só com o uso de ditaduras militares e fascistas, senão também, onde seja necessário, com o uso da democracia burguesa.

2) O esboço se equivoca ao minimizar o perigo stalinista, devemos reconhecer que as vitórias do Exército Vermelho reforçarão temporalmente o prestígio do stalinismo; e devemos, portanto, incluir na resolução uma advertência sobre o perigo, muito real, do stalinismo sobre a revolução europeia” (*ibid.*, p. 370).

Segundo Morrow, a resolução final incluiu algumas frases das emendas dele mesmo e de Morrison; enquanto, ao mesmo tempo, mantinha as formulações do esboço original que estavam em flagrante contradição com as modificações incorporadas.

---

<sup>10</sup> O artigo foi escrito em dezembro de 1943, mas circulou pela primeira vez no Boletim Interno do SWP em setembro de 1944 e impresso na *Fourth International* em dezembro deste ano; quer dizer, um ano depois. Ver o posterior comentário de Morrow: “A resolução do plenário de outubro de 1943 era uma bravata ultra-esquerdista que só podia servir para desorientar a Quarta Internacional” (MORROW, 1945f, p. 49).

Contra a insistência da direção do SWP sobre o perigo do oportunismo, Morrow insistiu no risco que o ultra-esquerdismo implicava para os pequenos e inexperientes grupos trotskistas na Europa. Criticou a ênfase posta no programa máximo, em particular na fórmula “pelos Estados Unidos Socialistas da Europa”, porquê parecia abstrata para gente que se encontrava em meio a uma luta brutal por libertação nacional contra a ocupação militar nazi. Por outro lado, Morrow sustentava que as táticas deviam se adaptar ao nível da consciência política das massas, lançando diretrizes que se vinculavam aos seus problemas imediatos. Morrow previa a revitalização das ilusões democráticas entre consideráveis porções das massas, como demonstrava a reemergência dos partidos operários tradicionais, assim como partidos de centro e liberal-democráticos na Itália, que atrasariam os tempos da revolução europeia. Isto tornava ainda mais necessárias as bandeiras democráticas e transicionais, como forma de disputar as massas com estes partidos, em particular os partidos stalinistas e socialdemocratas. Então, por exemplo, a demanda de uma república na Itália exporia diante dos seguidores do Partido Comunista italiano o significado da *svolta di Salerno* de Palmiro Togliatti; que dizer, sua decisão, por ordem de Stalin, de apoiar o gabinete monárquico do marechal Pietro Badoglio em seu retorno à Itália em março de 1944 (AGAROSSO ; ZASLAVSKY, 2011, p. 72).

### Os métodos do imperialismo norte-americano e a burguesia democrática

Morrow insistia em que havia de se pesar corretamente “o fato inegável de que uma parte considerável das massas italianas deu uma entusiasta recepção às tropas norte-americanas”. No futuro imediato, “a chantagem encoberta de comida e promessas de ajuda econômica estadunidense (...) cumpriria um papel fundamentalmente em moldar os acontecimentos italianos” e este processo se repetiria no resto da Europa. O imperialismo norte-americano “apareceria” por um tempo “ante as massas europeias em um disfarce muito distinto ao do imperialismo alemão”. Esta diferença se devia aos distintos recursos econômicos dos Estados Unidos e da Alemanha.

“Diferente da ocupação nazi, a ocupação norte-americana será seguida de um melhoramento do fornecimento de comida e da situação econômica em geral. De onde os nazis tomaram a maquinaria fabril e os meios de transporte, os americanos os trouxeram consigo. Estes contrastes econômicos, que certamente eram consequência do contraste entre os limitados recursos do capitalismo alemão e os muito mais amplos recursos em mãos do capitalismo norte-americano, não podem evitar, durante certo tempo, ter consequências políticas” (MORROW, 1944c, p. 374).

Portanto, Morrow concluía que era falso estabelecer, como fazia o plenário de outubro de 1943, que os imperialismos anglo-norte-americano e alemão fossem “igualmente depredadores”<sup>11</sup>. “Igualmente imperialista, sim, porém não ‘igualmente depredadores’”, remarcava Morrow (*ibid.*, p. 374). Uma tática correta para as seções da Quarta Internacional só poderia se basear em uma estimativa precisa dos diferentes imperialismos na Europa. A penetração imperialista dos Estados Unidos nos países ocupados, advertia Morrow, não teria lugar através de “governos títeres; por exemplo, regimes que governaram somente através do uso da força e do terror, e que não tiveram nenhum apoio das massas”. Com a ajuda dos partidos stalinistas, socialdemocratas e democrático-burgueses, poderia lograr uma maioria eleitoral em eleições tão livres como as da Itália antes de 1921. Mais que depender de “governos de tipo franquista” ou “ditaduras militares-monárquico-clericais”, estabilizaria o capitalismo europeu mediante “o uso de regimes democrático-burgueses” (*id.*, 1944c, p. 374).

### A relação entre os objetivos últimos e as reivindicações imediatas

Em sua crítica à Resolução internacional do plenário de outubro de 1943, Morrow já havia assinalado a diferença entre programa fundamental e diretrizes de massas; por exemplo, entre demandas máximas destinadas a membros da organização revolucionária e demandas cujo propósito era a mobilização

---

<sup>11</sup> “Europa, hoje escravizada pelos nazis, será amanhã invadida pelo igualmente depredador imperialismo anglo-norte-americano” (FIFTEENTH ANNIVERSARY, 1943, p. 331).

política das massas baseada em sua atual consciência política<sup>12</sup>. Em sua defesa de uma diretriz de massas, como “por uma república democrática” na Itália, a minoria explicava que a luta pelas demandas democráticas não implicava a luta pela democracia burguesa como um sistema capaz de resolver os problemas que as massas enfrentavam. A lógica política de levantar diretrizes de massas era distinta:

“Enunciar nossos conceitos programáticos fundamentais não resolve o problema de todos os problemas: ganhar as maiorias para nossa diretriz. As massas não tomam o trabalho de estudar as ideias programáticas fundamentais dos vários partidos e seguem o partido que, para elas, aparece seguindo o programa historicamente correto. Só o setor mais avançado atua desta maneira. É só no curso da luta por todas as suas reivindicações imediatas que as massas veem a necessidade de seguir o partido que quer guiá-las ao poder. Somente se participarmos das lutas das massas, se demonstrarmos que nos interessamos não só pelo fim último, mas também por suas necessidades imediatas, é que poderemos ganhar sua confiança e atraí-las para nosso programa” (GOLDMAN, 1945a, p. 4).

A questão fundamental era adaptar a tática ao nível da consciência política das massas e atravessar com elas suas lutas, de modo a seguir os preceitos propostos por Trotsky no *Programa de Transição* (VAN HEIJENOORT, 1945, p. 214)<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> “A diretriz de uma época não é a mesma coisa que a diretriz ou diretrizes sob as quais os partidos dirigem as massas rumo à revolução. O clássico exemplo de uma diretriz central, a diretriz que determina por completo o curso de um partido revolucionário em determinado período, é a diretriz levantada por Lenin, 'transformar a guerra imperialista em guerra civil'. Esta era a diretriz central sem ser, porém, a diretriz para as massas. Esta diretriz central era para o partido, para os quadros. Quer dizer, servia para educar o partido, mas não mostrava como ganhar as massas para a revolução proletária. Trotsky uma vez caracterizou 'transformar a guerra imperialista em guerra civil' como uma fórmula algébrica cujo conteúdo concreto, todavia, devia ser encontrado, e assim foi, em 'todo poder aos soviets' e outras diretrizes” (MORROW, 1944c, p. 375).

<sup>13</sup> Não havia nada particularmente trotskista no método das reivindicações transicionais: havia sido abertamente discutido no Quarto Congresso da Internacional Comunista de 1922 (RIDDELL, 2011), e Karl Radek inclusive escreveu um esboço de programa de transição em 1923: “nos diferenciamos dos outros partidos operários, não só pela diretriz da ditadura do proletariado e do regime soviético, mas também pelas reivindicações de transição. Enquanto as demandas dos partidos socialdemocratas são pensadas para ser levadas a cabo no marco do capitalismo e para reformá-lo, nossas demandas servem na luta da classe operária para tomar o poder e destruir ao capitalismo. Isso é o que deveria estar claramente expressado em nosso programa de transição” (RADEK, 1923, p. 128).

No artigo “Alguns argumentos escutados contra a bandeira da República Italiana”, escrito em 30 de julho de 1945 e publicado no Boletim Interno do SWP, Morrow argumentava que “a tarefa das tarefas” era “romper o laço que os partidos Socialista e Comunista possuem com as massas e atraí-las para a Quarta Internacional” (MORROW, 1945e, p. 1). Porém, isto não podia ser feito “ganhando as massas diretamente para a totalidade de nosso programa, ou seja, através da propaganda pela Itália soviética ou pelos Estados Unidos Socialistas da Europa”. Morrow explicava a diferença entre diretrizes de quadros e diretrizes de massas referindo-se à famosa distinção marxista entre propaganda e agitação (LENIN, 1897, p. 332-333):

“Através da propaganda se ganham quadros, mas não os elementos para um partido de massas; inclusive os quadros não se aproximam de nós, em geral, por nossa propaganda, são ganhos ao ver que o partido tem flexibilidade para agitar exitosamente entre os operários que ainda não são revolucionários ou que, se pensam na revolução, não sabem o que fazer; quer dizer, o partido é capaz de fazer com que os operários deem um passo adiante” (MORROW, 1945e, p. 1).

Morrow tratava então de explicar como aplicar a lógica do *Programa de Transição* à situação concreta da Itália do pós-guerra, onde as massas estavam comovidas politicamente, mas seguindo os partidos reformistas:

“A tarefa de nosso partido italiano, no plano da agitação, é mostrar aos membros dos partidos Comunista e Socialista uma série de passos que tem que ser dados por seus partidos. Estes passos devem parecer razoáveis às massas, realizáveis. Nós sabemos que seus partidos, reformistas e colaboracionistas de classe, resistirão a levar adiante nossos passos. Porém seus membros não o sabem. Ao convencê-los da necessidade destes passos, ao instá-los a demandá-los a seus líderes, ensinaremos às massas a serem críticas com seus partidos e abrir a cabeça ao partido da Quarta Internacional” (*ibid.*, p. 1-2).

A advertência de Morrow não foi atendida, o que não é surpreendente se levamos em conta que “o SWP demorou quatro meses, e somente depois de uma moção da minoria, para publicar o programa de ação” dos trotskistas italianos, que havia sido recebido ao final de novembro de 1944, porquê suas primeiras cinco demandas eram puramente democráticas, começando pela

“abolição da monarquia e instauração de uma república democrática” (VAN HEIJENOORT, 1945, p. 215).<sup>14</sup>

### A natureza dos governos italianos

Morrow criticou o editorial de 10 de junho de 1944 do *The Militant*, segundo o qual Churchill “apoiou inequivocamente as ditaduras policiais e militares” porque “disse que o governo de Badoglio é muito bom” (BREITMAN, 1944). Assinalou que o SWP deveria ter distinguido entre o primeiro governo de Badoglio (25 de julho de 1943 a 7 de abril de 1944) “que poderia corretamente chamar-se ditadura policial e militar” e seu segundo gabinete (22 de abril a 8 de junho de 1944), uma coalizão de seis partidos que era “algo bastante distinto”, porque “a chave do caráter do governo” não era quem o encabeçava, mas “que partidos o apoiavam”; era “apoiado pelos partidos majoritários da Itália ocupada pelos aliados” (MORROW, 1944d, p. 24).<sup>15</sup>

As ideias de Morrow foram desenvolvidas por Van Heijenoort em um artigo sobre o esboço de resolução para a 6ª *Convenção do SWP*, que se reuniria em novembro de 1944<sup>16</sup>. Van Heijenoort observava que “o esboço de resolução explica corretamente, em vinte pontos, que após a entrada dos Aliados em Roma [em 5 de junho de 1944], o governo de Badoglio ‘simplesmente se

---

<sup>14</sup> O programa iniciava: “O Partido Comunista dos Trabalhadores afirma sua posição de luta contra a colaboração com o governo ou com os Comitês de Libertação Nacional, e pela formação de um governo social-comunista sobre o seguinte programa de transição: 1) abolição da monarquia e instauração de uma república democrática; 2) liberdade de imprensa, de organização, de manifestação, de greve, etc.; 3) Assembleia Constituinte e eleições imediatas com a participação de todos os partidos; 4) *direito ao voto universal, secreto e direto para todos os cidadãos, soldados e membros de ambos os sexos, maiores de 18 anos*; 5) completa separação entre Igreja e Estado; aplicação de impostos progressivos às riquezas e propriedades da Igreja” (WORKERS COMMUNIST PARTY OF ITALY, 1944, p. 3).

<sup>15</sup> Estas análises sectárias não se limitavam à Itália, mas se aplicavam sistematicamente a toda a Europa. Por exemplo, o SWP “não encontrava nenhuma diferença entre o primeiro gabinete de Papandreou (26 de abril a 2 de dezembro de 1944), que incluía o EAM (a Frente de Libertação Nacional, que na Grécia era dominada pelo Partido Comunista) e o segundo (2 de dezembro de 1944 a 3 de janeiro de 1945) que não o incluía” (MORROW, 1945b, p. 13).

<sup>16</sup> O artigo de van Heijenoort, “Sobre a situação europeia e nossas tarefas”, datado de 9 de julho de 1944, foi publicado pelo *SWP Internal Bulletin* de outubro de 1944 e reimpresso no número de janeiro-fevereiro de 1945 (VAN HEIJENOORT, 1944 [1945]).

dissolveu sob a hostilidade das massas”. Enfatizava a importância das reivindicações democráticas em tal situação política: “Entre todos os cabos de guerra entre monárquicos, mortos-vivos do liberalismo e stalinistas-realistas, o partido revolucionário deve responder com um grito: imediata proclamação da República! Que se prenda o rei, o príncipe herdeiro e toda a família real! Confisco imediato de todas as propriedades reais em benefício do povo!” (VAN HEIJENOORT, 1944, p. 31). Uma vez estabelecida a república democrática, acrescentaria Van Heijenoort, os revolucionários deviam exigir as formas mais democráticas dentro do regime democrático-burguês – como um parlamento unicameral em vez de bicameral, eleições imediatas, etc. Então, quando a maré revolucionária estivesse suficientemente alta, exigiriam a expulsão do governo dos representantes dos partidos da burguesia e convocariam os líderes reformistas a tomar o poder, se lograssem o apoio das massas. Nesse contexto, “a bandeira que deveria prontamente ganhar importância seria: Togliatti e Nenni ao governo!”; quer dizer, um governo dos partidos Socialista e Comunista, que seriam então apoiados pela ampla maioria da classe trabalhadora italiana (*ibid.*, p. 62). Só com este tipo de experiências, primeiro a classe operária italiana e em seguida as massas operárias da Europa chegariam à consciência de classe socialista, sem abrir mão de máximas como “Estados Unidos Socialistas da Europa”.

### A convenção do SWP e a defesa da revolução europeia contra o stalinismo

Em novembro de 1944 já era óbvio que a resolução do Plenário de outubro de 1943 havia fracassado em prever o curso dos acontecimentos na Europa e em orientar os quadros trotskistas com as táticas que a situação política requeria. Porém, apesar do informe da minoria à convenção sobre “a importância do interlúdio democrático”,<sup>17</sup> a resolução adotada pela 6ª *Convenção do SWP* em

---

<sup>17</sup> “Nosso critério de um interlúdio democrático, desde o ponto de vista das demandas democráticas e de transição... Os regimes que agora temos na Itália e França são regimes transitórios com uma mescla de bonapartismo e características democráticas” (MORROW, 1945a, p. 15-16).

novembro de 1944 dizia em seu início que “os acontecimentos dos últimos nove meses servem para ressaltar a validade de nossa análise prévia da situação internacional” (SIXTH CONVENTION, 1944, p. 361).<sup>18</sup>

De todo modo, a maioria se viu forçada a fazer uma concessão na resolução adotada na Convenção de novembro de 1944, sob a pressão da viúva de Trotsky, Natalia Sedova. Um dos colaboradores de Cannon, Farrell Dobbs, que nesse momento cumpria sentença na prisão de Sandstone, havia enviado uma carta que criticava agudamente o editorial de 19 de agosto de 1944 do *The Militant*: “a traição de Varsovia”, dado que, segundo dizia, não havia tomado a questão da

“tarefa das forças guerrilheiras, e nestas circunstâncias isso é o que eram os destacamentos de Varsóvia, de subordinarem-se ao alto comando do exército principal, o Exército Vermelho, em tempos de uma batalha tão importante como o sítio de Varsóvia. Pelo contrário, o editorial parece tomar como ponto de partida a premissa de que uma rebelião proletária em grande escala ocorreu em Varsóvia e que Stalin manobrou deliberadamente para permitir a Hitler esmagar a revolta... Estamos seriamente preocupados com a rapidez para se escrever sobre um assunto tão crucial” (apud JACOBS, 1944, p. 34).

Esta apologia da entrega da Comuna de Varsóvia nas mãos de Hitler por parte de Stalin e o chamado às guerrilhas polacas a “subordinarem-se” aos generais de Stalin levou a viúva de Trotsky a uma resposta imediata. Em uma carta datada de 23 de setembro de 1944, dizia: “*não* proponho que eliminemos a diretriz ‘defesa da União Soviética’, mas penso que deve ser colocada em segundo ou terceiro lugar”. A diretriz de defesa militar da União Soviética “*se coloca em segundo plano diante dos novos acontecimentos*”, leia-se, as vitórias do Exército Vermelho e o alto prestígio do stalinismo. A única alternativa para a União Soviética, insistia Natalia Sedova, era “o socialismo ou a restauração do capitalismo”:

“Um perigo mortal ameaça a terra dos Sovietes, e a fonte desse perigo é a burocracia soviética (o inimigo interno). A guerra não terminou; o

---

<sup>18</sup> O porta-voz da maioria, E. R. Frank (Bert Cochran), colocou a perspectiva da maioria em sua forma mais tosca: “a democracia burguesa é incompatível com a continuidade do capitalismo na Europa” (COCHRAN, 1944, p. 370).

inimigo externo existe. Porém, no princípio da guerra, o víamos como o mais perigoso, e a luta contra o regime burocrático cedia seu lugar à luta militar; no presente, devemos retomar à luta anterior” (SEDOVA, 1944a, p. 24-25; 1944b).

Cannon se apressou em coincidir com sua análise em uma carta publicada no mesmo número do Boletim Interno de outubro de 1944 (CANNON, 1944, p. 29). A parte da resolução adotada na Convenção do SWP de novembro de 1944, que tratava sobre a União Soviética, dizia o seguinte:

“Durante o período em que a maquinaria militar nazi ameaçava destruir a União Soviética, colocamos à frente a bandeira da defesa incondicional da União Soviética contra o ataque imperialista. Para mim, a luta pela defesa da União Soviética contra as forças de ocupação nazi foi essencialmente ganha. A ‘Nova Ordem da Europa’ de Hitler já colapsou. A realidade atual é o começo da revolução europeia, a ocupação militar do continente pelas tropas dos exércitos anglo-americanos e Vermelho, e a conspiração dos imperialismos e da burocracia do Kremlin para estrangular a revolução. Portanto, colocamos adiante e enfatizamos hoje a seção de nosso programa expressa na bandeira: Defesa da revolução europeia contra todos os seus inimigos. A defesa da revolução europeia coincide com uma genuína defesa revolucionária da URSS” (SIXTH CONVENTION, 1944, p. 367).

### Um balanço da discussão sobre a Europa

Ao voltar da prisão, em 25 de janeiro de 1945, dois meses depois da 6ª *Convenção* de novembro de 1944, Morrow escreveu duas resenhas do debate que até o momento tinha lugar desde outubro de 1943 (MORROW, 1945b; 1945c). Na mais importante destas, “Uma resenha crítica da discussão sobre a Europa”, publicada no Boletim Interno do SWP em maio de 1945, Morrow enfatizava que “a maior parte do que a minoria tinha para dizer era parte da tradição escrita do movimento trotskista, ainda que a maioria dos dirigentes pareçam alegremente desconhecer o material” (*id.*, 1945b, p. 5). Morrow pensava na “Carta à revolução italiana” de Trotsky, de 14 de maio de 1930, que

parecia ter previsto a série de acontecimentos que se seguiram à queda do fascismo:

“Significa que a Itália não poderá, por um determinado tempo, voltar-se outra vez a um Estado parlamentar ou converter-se em uma ‘república democrática’? Considero, em total coincidência com vocês, creio, que esta possibilidade não está excluída. Porém, isto não será o fruto de uma revolução burguesa, senão o aborto de uma imatura revolução proletária, todavia. No caso de uma profunda crise revolucionária e de batalhas de massas no curso da qual a vanguarda proletária não tenha estado em condições de tomar o poder, pode ser que a burguesia restaure seu domínio sobre bases ‘democráticas’. Pode se dizer, por exemplo, que a atual república alemã é produto da revolução burguesa? Uma afirmação deste tipo seria absurda. O que teve lugar na Alemanha em 1918-19 foi uma revolução proletária, que por falta de direção foi traída e esmagada. Porém, a contrarrevolução burguesa se viu forçada a se adaptar às circunstâncias, produto deste esmagamento da revolução, e assumir a forma de uma república parlamentar ‘democrática’. É o mesmo, ou quase o mesmo, eventualmente impossível na Itália? Não, não é. A entronização do fascismo é resultado de que, em 1920, a revolução proletária não terminou de se desenvolver. E se não triunfara desta vez (fruto da debilidade do Partido Comunista, das manobras e traições da social-democracia, dos maçons, dos católicos), o Estado ‘transicional’ que a burguesia contrarrevolucionária se veria obrigada a construir sobre as ruínas da forma fascista de dominação não seria outra coisa que um Estado democrático e parlamentar” (TROTSKY, 1944, p. 216).

Portanto, na opinião de Morrow, as ricas análises de Trotsky, que negavam qualquer correlação linear entre economia e política, e contemplavam distintos cenários dependendo do desenlace da luta entre as forças sociais vivas, eram reduzidas pela direção do SWP à estéril fórmula sobre a inevitabilidade das ditaduras de “tipo franquista”. Isto, concluía Morrow em sua segunda resenha do debate, levava o SWP a um rechaço ultra-esquerdista do “*método das reivindicações democráticas e transicionais, o método para ganhar a maioria dos trabalhadores e camponeses para o partido revolucionário*” (MORROW, 1945c, p. 146).

## O final da Segunda Guerra e o destino da União Soviética

Seis meses depois, em 4 de novembro de 1945, Cannon deu um discurso celebrando o 38º aniversário da Revolução Russa, em que advertia sobre “o excessivo zelo em criticar e denunciar a União Soviética” como “russofóbica”, e negando que a Segunda Guerra houvesse terminado:

“Trotsky previu que o destino da União Soviética seria decidido na guerra. Esta é, todavia, nossa convicção. Só não concordamos com certa gente que pensa que a guerra terminou. A guerra só passou por uma etapa e está agora em processo de reagrupar e reorganizar-se para uma segunda fase. A guerra não terminou, e a revolução que dissemos que seguiria da guerra na Europa segue em nossa agenda” (CANNON, 1945, p. 7).

Morrow não teve problemas para demolir a análise de Cannon, cuja insuficiência para refletir sobre o curso efetivo dos acontecimentos era evidente:

“Qualquer marxista sério sabe que as condições para uma terceira guerra mundial não estão amadurecidas, todavia, que a Segunda Guerra há terminado, que entre esta e a próxima guerra está o obstáculo do despertar político e antimilitarista das massas britânicas e da Europa ocidental, que inclusive as massas norte-americanas não poderão, por um tempo, ser arrastadas à guerra, que a próxima guerra só poder ter lugar após uma nova derrota do proletariado europeu” (MORROW, 1945f, p. 51).

O núcleo racional por trás das palavras de Cannon emergiria com a chegada do ano seguinte, com a erupção da Jihad norte-americana em defesa da propriedade privada dos meios de produção, conhecida como Guerra Fria.

Até meados de 1945, a minoria havia conduzido uma batalha com a expectativa de ganhar, não somente a maioria da militância do SWP mas, sobretudo, as seções europeias da Quarta Internacional, que eram as que estavam realmente envolvidas no processo revolucionário. Então, em uma carta ao secretariado europeu da Quarta Internacional, datada de 20 de julho de 1945 e intitulada “Perspectivas e política europeia”, Morrow criticava suas “teses de fevereiro de 1944 e a resolução de janeiro de 1945” por falhar em prestar atenção ao papel fundamental do fator subjetivo no desenvolvimento da revolução europeia”. “Encantado pela situação ‘objetivamente revolucionária’”,

o secretariado europeu repetia “a fórmula sobre a necessidade inexorável de transformar a guerra imperialista em guerra civil, etc”. De fato, afirmava Morrow, “a revolução não é uma função objetiva do processo social”, e a situação na Europa não era de nenhuma maneira comparável à situação da saída da Primeira Guerra Mundial. “Não estamos repetindo 1917-1923”, advertia Morrow.

A situação de 1945 estava “muito mais atrasada”, porquê ante a ausência de um ponto de confluência das massas revolucionárias como foi a Revolução Russa e a Terceira Internacional, o desenvolvimento dos partidos revolucionários era muito mais lento. “Em vez de partidos revolucionários de massas confrontando com partidos reformistas do mesmo tamanho, nossos pequenos grupos de quadros enfrentam a dois partidos reformistas de massas. Na França, nossas poucas centenas confrontam um partido stalinista de quase um milhão de membros!”. Morrow sacava de sua análise a conclusão de que o trotskismo europeu tinha que “ingressar em algum dos partidos reformistas, constituir uma fração nele e trabalhar para lograr uma cisão, da qual possamos obter suficientes forças para começar seriamente a construir um partido revolucionário” (MORROW, 1945d, p. 82).

Em vistas destas circunstâncias de ignorância, tanto de negação de realidades políticas como de erros de análise política, no passado, mostrando uma virtual reivindicação de infalibilidade dos dirigentes do partido, Morrow e Goldman propuseram uma resolução de unidade com o Workers Party em 12 de julho de 1945, acreditando que “sem unidade, o SWP está condenado a uma degeneração monolítica” (MORROW; GOLDMAN, 1946d, p. 6).<sup>19</sup>

As bases políticas para a proposta de unificação haviam se desenvolvido rapidamente, quando Shachtman começou a enfatizar, antes do plenário de outubro de 1943 do SWP (de fato, poucas semanas antes da queda de Mussolini, em 25 de julho de 1943), a importância das consignas democráticas na Europa, em particular a reivindicação de “independência nacional para as nações sob o

---

<sup>19</sup> “A unidade significa um partido centralista democrático em contraposição com a tendência monolítica do cannonismo” (MORROW, 1945e, p. 53). Ver também a posição de Goldman; “*Uma regra geral deve ser reconhecida: nem proibição de frações, nem órgãos facciosos*” (GOLDMAN, 1945b, p. 56). Morrow e Goldman assinalavam como exemplo de reforço dos dirigentes do partido na imprensa partidária (ver HANSEN, 1944 e MORROW; GOLDMAN, 1945, p. 7).

jugo do imperialismo alemão” (SHACHTMAN, 1943, p.217). Na edição de julho de 1943 da *New International* em que aparece um artigo de Shachtman, são publicados dois artigos de Trotsky sobre a relação do fascismo com as demandas democráticas (TROTSKY, 1943a, 1943b). Morrow acreditava que a minoria estava “muito mais próxima ao WP que a maioria do SWP na questão democrática, das reivindicações transicionais e das tarefas na Europa” (MORROW, 1945f, p.53).

Mas os obstáculos para a reunificação, como a insistência de Shachtman em manter a caracterização da União Soviética como uma burocracia coletivista e a obstinada oposição de Cannon à unificação, que Morrow atribuía ao ultracentrismo,<sup>20</sup> demonstraram ser mais poderosos que as tendências unificadoras. De fato, Cannon estava preparando a expulsão dos membros da minoria do SWP. Não é de surpreender que após uma infrutífera troca de cartas e injúrias, a iniciativa tenha caído no nada.<sup>21</sup>

### Não como uma explosão, senão como um sussurro: o fim da tendência minoritária no SWP

O canto do cisne de Morrow no SWP foi o “Informe Internacional” em nome da minoria ao plenário de junho de 1946 do Novo Comitê Executivo Internacional eleito em abril de 1946, em uma conferência da Quarta Internacional. O argumento final de Morrow foi um impressionante resumo de suas acusações contra Cannon:

“Em nome de um programa imutável, camarada Cannon, você nos ensinou as seguintes coisas: que nossa política militar proletária significa que devemos defender o país contra o fascismo estrangeiro e derrocar o capitalismo. Que os revolucionários poloneses deveriam subordinar-se ao exército russo. Que há uma lógica objetivamente revolucionária trazida pelas vitórias russas. Que as ditaduras militares abertas eram os governos possíveis na Europa porque é impossível instaurar uma nova série de Repúblicas de Weimar na Europa. Que o

<sup>20</sup> “Cannon não quer um grupo grande no partido que não o siga cegamente” (MORROW, 1946d, p. 11).

<sup>21</sup> Ver THE QUESTION, 1945, p. 184-186; ON THE WP-SWP UNITY, 1946. p. 21-26.

imperialismo americano é ao menos tão depredador como o imperialismo nazi em seus métodos na Europa. Que é teoricamente impossível que os Estados Unidos ajudem a reconstruir ou alimentar a Europa. Que não há nenhuma ilusão democrática na Europa. Que não há nenhuma ilusão no imperialismo norte-americano. Que nos levantes revolucionários é reformista exigir a república na Grécia, Itália e Bélgica, ou a Assembleia Constituinte. Que falar do perigo do stalinismo na revolução europeia só é possível para um derrotista profissional. Que o destino da União Soviética será decidido pela guerra, mas que somente gente desatenta pode pensar que a guerra terminou” (MORROW, 1946c, p. 28-29).

Esta imponente lista de acusações, é claro, não ajudou a Morrow e seus companheiros da minoria, dado que o corpo a que se dirigiam estava cheio de defensores de Cannon. Havia um elemento a mais que debilitava sua argumentação, a saber, o abandono de sua posição prévia de defesa da União Soviética.<sup>22</sup> O fato de que Heijenoort também tenha assumido a política de jogar a criança (a nacionalização dos meios de produção e as bases de uma economia planificada) junto com a água do banho (a burocracia stalinista) ou, em termos hegelianos, a incapacidade de compreender o fenômeno soviético como uma unidade de determinações antitéticas, deu água para o moinho de Cannon (cf. VAN HEIJENOORT, 1946).

Em fins de maio de 1946, Morrow, o único membro da minoria pago pelo partido, deixou se sê-lo, de maneira que fora impossível preparar os documentos da minoria para a *12ª Convenção do SWP*,<sup>23</sup> que ocorreu de 12 a 18 de novembro de 1946. A convenção aprovou a “Moção sobre a fração minoritária” que expulsava Morrow e a “David Jeffries”, provavelmente um pseudônimo de Heijenoort (TWELFTH CONVENTION, 1947, p. 31). Então, a minoria do SWP simplesmente se perdeu. Morrow deixou a política por completo. Goldman (que já havia saído para o WP, ante sua iminente expulsão) rompeu com Shachtman e mudou sua lealdade pelo Partido Socialista em meados de 1948 (WALD, 1987, p. 255). Van Heijenoort, por sua vez, colaborou com o *Workers Party* até fins de 1947, sob os nomes de “Logan”, “Gerland” e

---

<sup>22</sup> “Todas as razões que demos para defender a União Soviética, hoje, desapareceram” (MORROW; GOLDMAN, 1946c, p. 28).

<sup>23</sup> Ver THE REMOVAL, 1946, p. 42.

“Loris”; então, em 1948, renunciou totalmente ao marxismo (Van Heijenoort, 1946) e se retirou à vida acadêmica como especialista em lógica matemática na Universidade de Brandeis, ainda que o principal historiador do movimento trotskista, Pierre Broué, o tivesse em alta estima (BROUÉ, 1986; 1990).

## Resumo e conclusões

O estouro da Segunda Guerra Mundial encontrou o trotskismo norte-americano dividido entre duas organizações em torno da natureza da União Soviética: enquanto o SWP, dirigido por James Cannon, seguia a Trotsky em caracterizá-lo como um “Estado operário degenerado” e chamava a defesa incondicional em caso de ataque militar, o *Workers Party*, conduzido por Max Shachtman, a descrevia como um Estado burocrático coletivista. O estouro da revolução italiana após a queda de Mussolini, em 24 de julho de 1943, levou à aparição de uma terceira corrente dentro do trotskismo norte-americano, uma minoria dentro do SWP dirigida por Felix Morrow, Jean van Heijenoort e Albert Goldman. Ela enfrentou a análise da direção do SWP sobre o imperialismo anglo-norte-americano e nazi como “igualmente depredador” e que o imperialismo estadunidense operaria por meio de “governos de tipo franquistas”; a minoria sustentava que o imperialismo norte-americano se apoiaria em regimes democrático-parlamentares para deter o avanço da revolução na Europa, apoiando-os com ajuda econômica, e que seria respaldado nesta tarefa pelos principais partidos operários, a social-democracia e o stalinismo, particularmente o segundo, que sob a direção de Moscou reviveria a política de frente popular praticada em grande escala na França e Espanha durante a década de 1930.

A principal tarefa dos trotskistas europeus era, portanto, de acordo com a tendência de Morrow, Heijenoort e Goldman, separar as massas destes partidos, levantando reivindicações democráticas e transicionais (por exemplo: “Pela república democrática!”; na Itália e Bélgica, a eleição de uma Assembleia Constituinte, etc.) que ajudassem os operários a descobrir a agenda antissocialista de seus organizadores de massas, através de sua própria experiência. Seu ignominioso final encerrou qualquer análise seria das

consequências da política seguida pela direção do SWP e pelo secretariado europeu da Quarta Internacional, política que serviria para reduzir o trotskismo a uma força impotente durante a maior parte do século.

### Referências bibliográficas

- 5TH WARTIME PLENUN of SWP Meets in New York: Fifteenth Anniversary of the Founding of American Trotskism Celebrated at Banquet in New York As Party Records New Gains. *The Militant*, v. 7, n. 45. 6 nov. 1943, p. 1-2.
- ADAMSON, J. Allies Intend to Dominate Europe Through Quislings - Stalin Joins with Roosevelt-Churchill in Support of Counter Revolutionary Regime. *The Militant*, n. 7, v. 143, 23 out.1943.
- AGAROSI, E.; ZASLAVSKY, V. *Stalin and Togliatti: Italy and the Origins of the Cold War*. Stanford, California: Stanford University Press, 2011.
- ALEXANDER, R. *International Trotskyism, 1929-1985: A Documented Analysis of the Movement*. Durham, North Carolina: Duke University Press, 1991.
- BORNSTEIN, S.; RICHARDSON, A. *War and the International: History of the Trotskyist Movement in Britain, 1937-1949*. London: Socialist Platform, 1986.
- BORODZIEJ, W. *The Warsaw Uprising of 1944*. Madison, Wisconsin: University of Wisconsin Press, 2006.
- BREITMAN, G. Allied Plans for Europe: An Editorial. *The Militant*, n. 8, v. 124, 10 jun. 1944.
- BROUE, P. Van, le militant, l'ami, l'homme (14 mai). *Cahiers Léon Trotsky*, n. 26, 1986.
- \_\_\_\_\_. Un trotskyste à New York pendant la deuxième guerre mondiale: van Heijenoort. *Cahiers Léon Trotsky*, n. 43, p. 33-47, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Histoire de l'Internationale Communiste, 1919-1943*. Paris: Fayard, 1997.
- CANNON, J. A Letter from Martin. *SWP Internal Bulletin*, v. 6, n. 9, p. 26-29, 1944.
- \_\_\_\_\_. The Russian Revolution – Our Appraisal: Cannon's Address at 28th Anniversary Celebration. *The Militant*, n. 9, v. 146, 17 nov. 1945.
- \_\_\_\_\_. *The Struggle for a Proletarian Party*. New York: Pathfinder Press, 1972.

- \_\_\_\_\_. *The Struggle for Socialism in the "American Century": Writings & Speeches 1945-1947*. New York: Pathfinder Press, 1977.
- COCHRAN, B. The European Revolution – Its Prospects and Tasks (Speech of E. R. Frank to New York Membership Nesting, October 4, 1944, as Reporter of the National Committee). *Fourth International*, n. 5 v. 12 , p. 377-382, dez. 1944.
- CRAIPEAU, Y. *Contre vents et marées: 1938-1945*. Paris: Savelli, 1977.
- \_\_\_\_\_. *La libération confisquée: 1944-1947*. Paris: Savelli, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Swimming Against the Tide: Trotskyists in German Occupied France*. London: Merlin Press, 2012.
- FIFTEENTH ANNIVERSARY Plenum of the SWP. Perspectives and Tasks of the Coming European Revolution. *Fourth International*, n. 4, v.11, p. 329-334, 1943.
- GINSBORG, P. *A History of Contemporary Italy: Society and Politics 1943-1988*. London: Penguin, 1990.
- GOLDMAN, A. *In Defense of Socialism: The Official Court Record of Albert Goldman's Final Speech for the Defense in the Famous Minneapolis "Sedition" Trial*. New York: Pioneer Publishers, 1942.
- \_\_\_\_\_. Morrison Amendments. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v.5, p. 20-23, set. 1944.
- \_\_\_\_\_. On the Question of the Slogan 'For a Democratic Republic' (January). *SWP Internal Bulletin*, n. 7, v.1 p. 1-8, mar. 1945a.
- \_\_\_\_\_. Replies to Questions: A Discussion at the SWP Plenum (October). *New International*, n. 12, v. 2, p. 55-59, fev. 1945b.
- HABERKERN, E.; LIPOW, A. (org.). *Neither Capitalism nor Socialism: Theories of Bureaucratic Collectivism*. Alameda, California: Center for Socialist History, 2008.
- HANSEN, J. How the Trotskyists Went to Jail. *Fourth International*, v.5, n. 2, p. 43-48, 1944.
- INTERNATIONALE KOMMUNISTEN DEUTSCHLANDS (IKD). The National Question in Europe: Three Theses on the European Situation and the Political Tasks – By a Group of European Comrades. *Fourth International*, n. 3, v. 10, p. 370-372, dez. 1942.
- JACOBS, L. 'We Arrive At a Line', by A. Roland. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v.12 p. 7-44, dez. 1944.

- JENKINS, P. Where Trotskyism Got Lost: The Restoration of European Democracy after the Second World War. *Spokesman pamphlet*, n. 59. Nottingham, England: Spokesman Books. 1977.
- LENIN, V. I. (1972) [1897]. The Tasks of the Russian Social democrats. *Collected Works*. Moscow: Progress Publishers. 1972. v. 2.
- MORROW, F. The National Question in Europe: Our Differences with the Three Theses. *Fourth International*, n. 3, v. 10, p. 372–374, dez. 1942.
- \_\_\_\_\_. Meaning of the Italian Events. *The Militant*, n. 7, v. 33, 14 ago. 1943a.
- \_\_\_\_\_. Italian Workers Elect Own Factory Committees: Badoglio Is Compelled to Agree to Secret Ballot; AMGOT then Follows by Conceding ‘Free Labor Movement’ in the Occupied Areas. *The Militant*, n. 7, v. 37, 11 set. 1943b.
- \_\_\_\_\_. Report to Plenum [October]. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v. 4, p. 20–32, set. 1944a.
- \_\_\_\_\_. Proposed International Resolution as Amended by Morrow [October]. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v. 5, p. 14–20, set. 1944b.
- \_\_\_\_\_. The First Phase of the Coming European Revolution: A Criticism of the International Resolution of the Fifteenth Anniversary Plenum” [December]. *Fourth International*, n. 5, v. 12, p. 369–377, dez. 1944c.
- \_\_\_\_\_. Letter from Cassidy (July 23). *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v. 5, p. 24–25, set. 1944d.
- \_\_\_\_\_. Minority Report to the National Convention, by A. Stein (November 1944). *SWP Internal Bulletin*, n. 7, v. 1, p. 9–21, mar. 1945a.
- \_\_\_\_\_. A Balance Sheet of the Discussion on Europe, (March 25, 1945). *SWP Internal Bulletin*, n. 7, v. 4, p. 1–37, mai. 1945b.
- \_\_\_\_\_. The Political Position of the Minority in the SWP, May, 1945. *Fourth International*, n. 6, v. 5, p. 146–150, mai. 1945c.
- \_\_\_\_\_. European Perspectives and Policy: A Letter to the European Secretariat of the Fourth International, July 10, 1945. *Fourth International*, n. 7, v. 3, p. 82–85, mar. 1946 [1945d].
- \_\_\_\_\_. Some Arguments Heard Against the Slogan of the Republic in Italy, July 30, 1945. *SWP Internal Bulletin*, n. 7, v. 10, p. 1–3, out. 1945e.
- \_\_\_\_\_. To All Sections of the Fourth International, November 15, 1945. *SWP Internal Bulletin*, n. 7, v. 12, p. 1–10, nov. 1945f.
- \_\_\_\_\_. Tactical Problems of the European Movement, December 1945. *Fourth International*, n. 7, v. 1, p. 18–22, jan. 1946a.

- \_\_\_\_\_. Perspectives of European Revolution: It Is Time to Grow Up: The Infantile Sickness of the European Secretariat, February 24, 1946. *Fourth International*, n. 7, v. 7, p. 213-218, jul. 1946b.
- \_\_\_\_\_. International Report (Minority Report to Plenum), May 19. *SWP Internal Bulletin*, n. 8, v. 8, p. 26-41, jul. 1946c.
- \_\_\_\_\_. *Revolution & Counter-Revolution in Spain, Including the Civil War in Spain*. New York: Pathfinder Press, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Revolución y contrarrevolución en España: La guerra civil*. Madrid: Akal, 1978.
- MORROW, F.; GOLDMAN, A. The Answer of the SWP Minority to the Letter from the PCR of Belgium, December 20, 1945. *SWP Internal Bulletin*, n. 8, v. 4, p. 5-11, mar.1946.
- NATIONAL COMMITTEE of the SWP. Draft Resolution of the National Committee on 'The European Revolution and Tasks of the Revolutionary Party'. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v. 3, p. 13-29, set. 1944.
- ON THE WP-SWP UNITY Discussions, Documents of the WP and the SWP Minority. *New International*, v. 12, n. 1, jan. 1946
- PABLO, M. On Comrade Morrow's Reply, April 1946. *Fourth International*, n. 7, v. 7, p. 218-222, jul. 1946.
- RADEK, K. La Question du programme de l'I.C. (Remarques préliminaires). *Bulletin communiste*, n. 14, v. 5, p. 126-128, abr. 1923.
- REISSNER, W. *Documents of the Fourth International: The Formative Years (1933-1940)*. New York: Pathfinder Press, 1973.
- RIDDELL, J. (org.). *Toward the United Front: Proceedings of the Fourth Congress of the Communist International, 1922*. Leiden: Brill, 2011.
- SEDOVA, N. A Letter from Natalia, September 23. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, 9, p. 24-25, out. 1944a.
- \_\_\_\_\_. Letter from Natalia, November 6. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v. 13, p. 23-27, dez. 1944b.
- SHACHTMAN, M. Trotsky on Democracy and Fascism. *New International*, n. 9, v. 7, p. 216-217, jul. 1943.
- SIXTH CONVENTION of the SWP. European Revolution and the Tasks of the Revolutionary Party: Resolution Adopted by the Sixth Convention of the Socialist Workers Party, Eleventh Convention of the American Trotskyist Movement (November 16). *Fourth International*, n. 512, p. 361-369, dez. 1944.

SWP RESOLUTIONS Committee. First Draft of [International] Resolution as Submitted by the Resolutions Committee to Plenum in October, 1943. *SWP Internal Bulletin*, n. 6, v. 5, p. 1-13, set. 1944.

THE QUESTION of Unity. Documents of the Socialist Workers Party and the Workers Party. *New International*, a. XI, n. 6, set. 1945.

THE REMOVAL of Comrade Morrow from Full Time Party York (Statement of the Minority of the Political Committee). *SWP Internal Bulletin*, v. 8, n. 8, julho de 1946, p. 42.

TROTSKY, L. Fascism and Democratic Slogans (July 14, 1933). *New International*, n. 9, v. 7, p. 217-220, jul. 1943a.

\_\_\_\_\_. Our Present Tasks (November 7, 1933). *New International*, n. 9, v. 7, p. 220-221, jul. 1943b.

\_\_\_\_\_. Letter on the Italian Revolution, May 14, 1930. *New International*, n. 10 v. 7, p. 215-218, jul. 1944.

\_\_\_\_\_. *In Defense of Marxism*. New York: Pathfinder Press, 1977.

TWELFTH CONVENTION of the SWP. Motion on the Minority Faction, November 12-18, 1946. *Fourth International*, n. 8, v. 1, p. 31, jan. 1947.

VAN HEIJENOORT, J. Revolutionary Tasks under the Nazi Boot. *Fourth International*, n. 3, v. 11, p. 333-338, nov. 1942.

\_\_\_\_\_. On the European Situation and our Tasks, by Daniel Logan, July 9, 1944. *Fourth International*, n. 6, v. 1/2, p. 27-31/ p. 61-63, jan.-fev 1945 [1944].

\_\_\_\_\_. The Slogan of the Republic in Italy and Its Discussion in the SWP, by Daniel Logan, March 14, 1945. *New International*, n. 9, v. 7, p. 212-23, out. 1945.

\_\_\_\_\_. Discussion on the Russian Question, by Daniel Logan, December 1945. *New International*, n. 12, v. 3, p. 74-77, mar. 1946.

\_\_\_\_\_. *With Trotsky in Exile: From Prinkipo to Coyoacán*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1978.

WALD, A. *The New York Intellectuals: The Rise and Decline of the Anti-Stalinist Left from the 1930s to the 1980s*. Chapel Hill, North Carolina: University of North Carolina, 1987.

WORKERS COMMUNIST PARTY OF ITALY. Program Published by the Italian Trotskyist Party. *The Militant*, a. 9, n. 11, 17 Mar. 1944, p. 3.